

# PELO RESGATE DA CRIATIVIDADE E DA AUTO-CONFIANÇA

Escritos para uma vida desinstitucionalizada



Contra a Universidade  
Como Defender a Sociedade Contra a Ciência  
Criatividade, autoconfiança e  
multidisciplinaridade





## Conteúdo

<b>Introdução</b> .....	4
<b>Contra a Universidade</b> .....	6
Introdução.....	6
Centros de Estudantes.....	9
ou como gerir a miséria.....	9
Universidade/Contra-Universidade.....	12
A obsessão por ser profissional. ....	12
A miséria profissional. ....	15
Anti-universidade: um passo a mais na anti-pedagogia.....	20
A Miséria dos independentes .....	23
<b>Como defender a sociedade contra a ciência</b> .....	26
Contos de fadas .....	28
Contra o método .....	31
Contra os resultados.....	35
Educação e Mito .....	38
<b>Criatividade, Autoconfiança e Multidisciplinaridade</b> .....	44

# Introdução

Não nos resta dúvida de que estamos vivendo num período em que a reflexão intelectual nunca esteve tão intimamente ligada ao maior fruto da institucionalização do conhecimento: a falta de criatividade. Vemos anarquistas se formando no tão vangloriado ensino superior com o ingênuo intuito de se aprofundar em algum tipo de conhecimento e então fortalecer sua militância política; porém, não enxergam que a principal função das instituições de ensino é moldar o aluno a uma forma limitada de se obter conhecimento, onde será desacreditada qualquer outra fonte de estudo que não seja dentro da própria academia ou seguindo suas rígidas regras.

O intuito deste material não é apenas criticar o processo de expansão da escolarização e a situação atual em que se encontra o meio anarquista, mas também apontar para perspectivas diferentes, numa tentativa de reacender a criatividade e sua companheira inseparável: a autoconfiança.

Anti-capital, anti-estatal, anti-religião, anti-civilização, anti-fascista, anti, anti .... e anti. O cultivo de negar o que não queremos se tornou um fim em si mesmo e escancara o que já foi dito anteriormente: a criatividade se encontra em um plano nebuloso e desconhecido. A lista das coisas de que somos contra é extremamente extensa se comparada à lista das coisas que propomos construir. O discurso sobre o que queremos está cheia de jargões vagos que não conseguiram até hoje serem plenamente praticados fora da esfera teórica intelectual: autonomia, solidariedade, apoio mútuo, autogestão, etc. Quando dizemos vago, não queremos dizer que são sem sentido, estamos falando sobre a sua desconexão com o todo, já que estes termos sempre se encontram em esferas isoladas que não conseguem encontrar um local fértil para se manter e crescer; acabam por

propiciar experiências interessantes, mas que infelizmente não conseguem sair da experimentação para se firmar como uma característica cultural.

Este material é constituído de dois textos traduzidos e um texto de nossa autoria que utilizará como base algumas das perspectivas apresentadas no texto de Paul Feyerabend para formular algumas reflexões.

Não é difícil notar que existem idéias que podem ser radicais demais para os anarquistas, alguns podem até apontar problemáticas teóricas para tais idéias, porém o intuito de anulá-las é muito mais forte do que qualquer tentativa de reflexão e auto-crítica.

Esta publicação é a primeira de outras maiores que estão por vir com o objetivo de tratar de assuntos mais amplos e desafiadores como estratégia e organização anarquista.

# Contra a Universidade

## Introdução<sup>1</sup>

A compilação de textos a seguir é feita por necessidade, autodeterminação, interesse e convicção. Mas também, devemos reconhecer, com a intenção de mostrar que não estamos errados.

No entanto, ressaltamos que, acima de tudo se faz por ódio. Ódio, mas não no sentido de "Eu vos odeio, queridos alunos"<sup>2</sup>, mas o contrário: não odeio o aluno como um ser humano. Odeio o seu papel social como tal, e com ele tudo o que produz, representa e cria<sup>3</sup>.

Nós odiamos seu reformismo e sua consciência juvenil rebelde, sua incapacidade de decifrar o quadro macroeconômico de toda a luta social, sua assimilação da hierarquia que se mostra inclusive em suas condutas cotidianas, como a leitura



---

1 Adaptado do editorial de "La Miséria – publicación contra la universidad"

2 Frase utilizada por Pier Paolo Pasolini, ao referir-se aos fatos de violência da primeira quinzena de maio de 1968, por considerar que os policiais são filhos de proletários e os estudantes, não.

3 "As razões nas que se baseia nosso desprezo ao estudante (...) não concernem somente a sua miséria real, mas sim a sua complacência ante todas as misérias, sua propensão doente a consumir devotamente a alienação, com a esperança, ante a falta de interesse geral, de satisfazer sua carência particular" - Mustafá Kayatí - A miséria da vida estudantil. Internacional Situacionista. 1966.

obrigatória de um texto de 500 páginas devido à ordem do professor, e ao mesmo tempo não poder ler, analisar e dar sentido a um panfleto crítico de pouco mais de 200 páginas.

Odamos seu elitismo e sua necessidade de inserção social<sup>4</sup>, porque sabemos que quer ser um erudito licenciado em (inserir especialidade correspondente). Sabemos também que, consciente ou inconscientemente, deseja que haja poucos como ele, porque, obviamente, milhões de Engenheiros Eletrônicos não têm utilidade social, mas alguns milhares sim. E, quanto menos existirem, maior demanda e maior salário: pura lógica de mercado capitalista;

Odamos sua falta de inquietações concretas, e o fato de quando as tenha, não reconhece quão efêmera e vazia é sua situação<sup>5</sup>, porque realmente não tens nada a perder (se realmente não acredita na profissionalização) e o que é mais importante: tem muito a ganhar. Por que dizemos isto? Porque não se destrói o sistema atacando suas unidades básicas se não houver um ferrenho combate contra suas estruturas mais avançadas. Assim como não o destruirá atacando suas conseqüências, mas sim suas causas. E o estudante se encontra nesta posição de ataque, a saber, tem à sua frente uma profunda dicotomia que representa essa possibilidade: a de tomar essa posição ou, ao contrário, seguir contribuindo a perpetuar tais estruturas.

Isto é assim porque a Universidade é a instituição geradora de valor por excelência, no sentido tanto econômico como social. A Universidade forma aproximadamente uns 5% da sociedade, a elite humana, durante um tempo determinado que gira em torno

---

4 "Coletando migalhas de prestígio da universidade, o estudante ainda está feliz por ser um estudante. Tarde demais. A forma de ensino mecânica e especializada recebida é tão profundamente degradada (em relação ao antigo nível de cultura burguesa), como seu próprio nível intelectual no momento em que adentrar a academia, com a particularidade de que a realidade que domina tudo isso, todo o sistema econômico, reivindica uma produção em massa de estudantes incultos e incapazes de questionar." - Mustafá Kayatí. Op Cit.

5 "O estudante, em sua capacidade de ser ideológico, chega sempre atrasado para tudo. Todos os valores e ilusões que constituem o orgulho de seu mundo fechado estão já condenados como ilusões insustentáveis, desde há muito tempo ridicularizadas pela história". Mustafá Kayatí. Op Cit.

de 7 anos. Por sua vez as pessoas encarregadas de transmitir esta informação também recorreram o mesmo caminho, pelo que esta quantidade de trabalho (horas/homem), somado a custos de construção e demais gastos, nos demonstra o quão importante é esta instituição para o sistema capitalista.

Para adicionar mais ainda a esta "fábrica de burgueses", se soma o fato de que é aqui onde se resolvem todos os paradigmas que logo se implantam na vida de todos: direcionamentos políticos, artísticos, culturais, medicinais e obviamente econômicos. Por todas estas coisas é que dizemos que esta instituição é um pilar fundamental do capitalismo: se sobrepõe até mesmo ao papel das fábricas, estigmatizadas como o núcleo econômico, e em certa medida também o faz com os meios de comunicação e instituições politizadas de todo tipo.

Por isto e muito mais que iremos propor abertamente a necessidade de destruição da Universidade e o cessar de toda "militância" destinada a reformá-la e construir desde dentro. Não queremos uma Universidade "dos trabalhadores" ou "do povo", este conceito não existe, porque quando a Universidade for mais acessível aparecerá uma nova estrutura educativa superior e o novo dilema será como destruir esta.

Queremos estabelecer bases teóricas que permitam esclarecer nossa postura, não para cair no intelectualismo, mas sim para gerar continuidade por meio de uma ferramenta a qual podemos recorrer. Esta ferramenta será mutável como o é a realidade e o conteúdo das lutas sociais, mas formará uma crítica precisa ao vanguardismo e ao dogmatismo imperante: justamente por isso receberá o rótulo de "extremismo".

Na presente edição incluímos:

- "Centros de Estudantes: ou como gerir a miséria" - Sobre como superar a equivocada determinação de lutar com esta ferramenta, mais uma breve introdução à crítica ao Sindicalismo.

- "Universidade/Contra Universidade" - Texto de origem espanhola que, com um vocabulário Situacionista, apresenta uma boa crítica sociológica ao status do profissional.



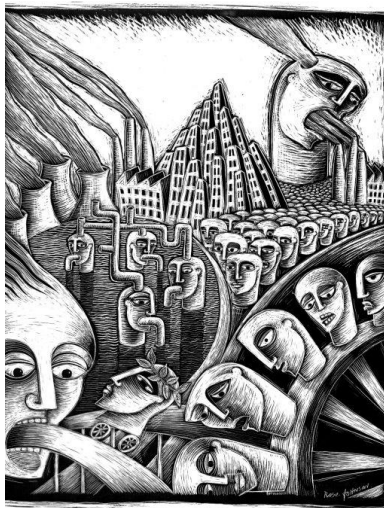
- "A miséria dos independentes" - Texto já difundido que, entendido em um contexto particular, mostra a triste perspectiva que possuem os autodenominados independentes.

## **Centros de Estudantes ou como gerir a miséria.**

*"O estudante, mais do que qualquer outra categoria, está contente de estar politizado. Portanto, ignora que participa através do mesmo espetáculo. Deste modo se apropria dos miseráveis e ridículos restos de uma esquerda que foi aniquilada há vários anos pelo reformismo 'socialista' e pela contra-revolução stalinista."*

*Mustafá Kayatí*

A ideologia democrática encontra na instituição universitária sua versão educativa. Os centros de estudantes representam a maquete do treinamento político, onde os partidos e as agrupações dirigem suas juventudes para o adestramento no terreno democrático. Por sua vez, promovem certas qualidades microeconômicas que permitem a seus militantes o próprio sustento e um ganho mínimo, característica que explica também por que geralmente estes organismos se convertem em algo tão estimado.



Cabe também destacar que, por uma questão de proximidade, os CE geram um vínculo estratégico vital para seu reconhecimento, já que se relacionam com os grêmios da educação, geralmente de forma cordial. Este vínculo acaba por conformar a rede

do governo estudantil lhe dando um toque final de sindicalismo. Sem adentrarmos na crítica ao sindicalismo, mas adiantando que formará parte do tema desta publicação, podemos brevemente comentar que a confusão de

acreditar que os CE são os sindicatos dos estudantes é uma falácia burguesa. Os universitários estão, em última instância, afirmando o papel dos CE como tal e, portanto o núcleo que os contém não é um sindicato. Isto se compreende melhor se notarmos que do estudante não se extrai nenhuma mais valia de forma direta quando realiza seu trabalho, está apenas sofrendo um processo de valorização de si mesmo que o afetará em seu futuro ingresso ao mercado de trabalho, como empregado especializado ou como patrão<sup>6</sup>.

É por esta simples razão que não está na mesma situação que os assalariados, não necessitando assim da "solução" que os sindicatos provêm dentro do marco legalista. Mas isto evita que o CE, na prática, atue de forma semelhante aos sindicatos, estruturas que irão reger nossa vida durante todo nosso caminho dentro do mercado de trabalho, a favor da perpetuação da ideologia dominante<sup>7</sup>. Os CEs representam a primeira comunicação política direta com que muitos estudantes se encontram ligados, porém isto de nenhuma maneira quer dizer que tenham uma verdadeira influência política. No CE os estudantes delegam seu poder à espera que este seja seu porta-voz em conflitos e inquietudes. Claramente, como em qualquer sistema democrático, a mesma lógica eletiva faz com que a verdadeira representatividade, considerando o número de forças, de candidatos e de votantes, seja nula. Isto significa que cada vez que o estudante vota está participando de uma representação, de um rito vazio que somente serve para a diversão da classe dominante e lavagem de culpas dos setores médios e pequeno-burgueses.

---

6 "A entrada em cena da coisificação sob o capitalismo moderno impõe a cada indivíduo um papel na passividade generalizada. Os estudantes não escapam a esta lei. Se trata de um papel provisional que o prepara para o papel definitivo que assumirá como elemento positivo e conservador, no funcionamento do sistema mercantil. Não é mais que uma iniciação" - Mustafá Kayatí, A miséria da vida estudantil. Internacional Situacionista. 1966.

7 "A falsa consciência política se encontra nele no estado puro, e o estudante constitui a base ideal para as manipulações de burocratas fantasmas de organizações moribundas. Estas programam totalitariamente suas opções políticas; toda marginalidade ou intenção de 'independência' volta docilmente, depois de uma encenação de resistência, à ordem que em nenhum só instante foi posta em questão" - Mustafá Kayatí. Op Cit.

Mas o principal problema do estudante está no fato de que ele mesmo se converte na maior vítima desta lavagem de culpas: considera que precisa modificar suas condições de vida, mas jamais fará o esforço, nem dedicará uma quantidade de tempo suficiente para compreender as verdadeiras causas que o forçam a continuar esta existência miserável.

Desta maneira, busca preencher seu vazio ideológico recorrendo por vezes aos mortos-vivos e suas ideologias cadavéricas. Está orgulhoso de opor-se aos arcaísmos de Bush, mas não compreende que o faz em nome de erros do passado, de crimes já frios (reivindicando a Perón, Stalin, Mao, Trotsky, Lênin, Guevara, Castro...) e que deste modo sua juventude é ainda mais arcaica que o poder.

Mas é assim, que quando se consegue superar esta fase de falsa radicalidade, não encontra saídas viáveis para direcionar sua raiva: isto se deve ao fato de querer continuar vendo-se como estudante, e não como proletário. Ninguém pode negar que é incontável a quantidade de estudantes que fogem apavorados das esporádicas tentativas de assembléia, ao se dar conta do grande espetáculo de cooptação a que foram convidados. Apesar de serem muitas as pessoas que disputam estes grandes espaços num asqueroso ostracismo (ao sentir-se obrigados a "fazer algo enquanto se é jovem e revolucionário"), todos os demais que se retiram do recinto, com um grande sentimento de despeito, não possuem a intenção de canalizar esta luta, buscando uma forma de dedicar-se a essas sensações em outro espaço individual e coletivo.

Somado a este fato, recebemos constantemente dos meios de comunicação (e inclusive desde as próprias agrupações políticas) noções como violentos, revoltosos, inadaptados e tantas outras que condenam a rebeldia a um marco temporal dentro de nossas vidas. Toda tentativa de ruptura é, portanto, marginalizada e considerada "deslocada" frente às alternativas legais e democráticas de consenso. Aquele que não gira em torno das mesmas formas organizativas de antigamente, é chamado instantaneamente de contra-revolucionário pelo conjunto do esquerdismo; ou em última instância, como contraproducente: contraproducente ao imutável programa político fica claro, que

no fim isso não reflete nada mais que seus próprios interesses estritamente partidários.

Todas estas artimanhas operam de tal maneira que lhes fazem não enxergar este período da juventude como um momento para a tomada de consciência verdadeiramente revolucionária. Este paradigma possui um impacto importante já que condiciona terrivelmente os estudantes, que se vêem como incapazes de canalizar seus impulsos na construção de um espaço social que contribua à destruição de seu meio opressor, dentro do colapso generalizado de seu criador, o sistema de trabalho assalariado.

## **Universidade/Contra-Universidade<sup>8</sup>**

*"Nossa era de técnicos faz uso abundante do adjetivo substantivado profissional; parece acreditar que encontrou uma espécie de garantia. Evidentemente, se alguém considera não a minha remuneração, mas sim somente minhas atitudes, não existem dúvidas de que fui um bom profissional. Mas em quê? Este foi meu mistério, olhando para um mundo condenável."*  
Guy Debord, Panegírico.

### **A obsessão por ser profissional.**

A sociedade do espetáculo prefere as formalidades ao invés das questões profundas, a imagem ao invés do conteúdo, os diplomas sobre a inteligência ou atividades que tragam bem-estar social. Persegue o falso médico não por seus maus resultados, mas sim pela sua falta de diploma. Absolve o médico que opera e mata seu paciente devido a uma complicação inesperada, ou a uma simples dose excessiva de anestesia, sempre e quando esteja corretamente titulado e formado.

A sociedade espetacular condena ao charlatão que vende seus produtos curativos tradicionais - alguns dos quais inclusive

---

<sup>8</sup> Texto publicado em 2002 no periódico espanhol "Venganza", de orientação Anarco-Insurrecionalista.

funcionam - em via pública, mas anima àquele que visita médicos para sugerir a introdução no mercado de um novo produto farmacêutico de conhecidos efeitos colaterais, que serão aliviados por outros rentáveis produtos já previstos pela indústria. Escuta com prazer e atenção qualquer idiotice proferida por alguém que acumulou custosos doutorados, e que será capaz de explicar, por exemplo, de que maneira os grandes laboratórios não destroem a saúde, ou como é permitido contaminar o ambiente até certo limite, mas lhes custa ouvir alguma simples verdade dita por um graduando ou por um camponês autodidata; a sociedade do espetáculo se rende ante um pacote fechado e deprecia os ofícios e atividades manuais, ainda que estas sejam geralmente mais úteis e menos perniciosas que as profissões liberais.

Em uma sociedade como a nossa, todos querem ser profissionais. As universidades se cobrem de prestígio e de massivos concursos de admissão, e tudo segue um curso aparentemente natural. Proliferam concorrências, tráficos de influências, centros expedidores de diplomas de maneira legal ou ilegal, empórios educativos, campos de prática e adestramento, concursos para cadeiras, bolsas, aulas, categorias. Fervem esperanças, dinheiro, filas, poderes, burocracias, discriminações, cartas de recomendação, exames, viagens, esforços, enquanto a inteligência, a vida, se escapa pela porta de trás e resta somente um monte de papéis da inutilidade universitária, a vitoriosa ética monetária da sociedade.

A especialização é, por um lado, um conhecimento encontrado por outros que só será transmitido e aprendido, por outro, não é um momento possível dentro de um processo complexo e difícil de separar, mas sim um final, uma meta, é uma detenção, uma morte, e serve à sociedade autoritária e positivista que a promove.

Apresenta-se no ser humano como um fato que limita para sempre a direção e o alcance de seu desenvolvimento. Paul Nash disse: "O perigo da especialização crescente do homem é de que o converterá em um mero técnico (por mais titulado que seja) com uma imaginação que terminará esgotada pela falta de estímulos que derivam da infertilização das analogias

inesperadas e das comparações frutíferas, que são patrimônio daquele que não está especializado.”

O profissional está formado para funcionar no mundo, para explicá-lo. É, via de regra, incapaz de desenvolver uma crítica que ataque alguma veia importante do sistema de exploração e destruição que empobrece a vida sobre o planeta Terra; e muito naturalmente contribuirá a perpetuá-lo. Exemplar é o caso referido por Eduardo Galeano, na ocasião do bombardeio da OTAN à Iugoslávia: "Estourou um escândalo na Grã-Bretanha. Revelou-se que as universidades mais prestigiadas, os institutos de caridade mais piedosos e os principais hospitais investem os fundos de pensão de seus empregados na indústria armamentista. Os responsáveis da educação, da caridade e da saúde explicaram que colocam seu dinheiro em empresas que rendem maiores lucros e estas são, precisamente, as empresas da indústria militar.”

Um Porta-voz da Universidade de Glasgow disse com todas as letras: "Não fazemos distinções morais. Preocupa-nos que os investimentos sejam rentáveis, não que sejam éticos". O mundo que forma profissionais sob medida é um círculo vicioso e pernicioso. As empresas fabricantes de Antivírus, ou alguma de suas secretas ramificações, mantêm um bem pago *cracker* ocupado em criar novos vírus, para que a última versão de seus produtos possa ter lugar no mercado.

A obsessão por ser profissional é profundamente negativa. A relação inversamente proporcional entre a quantidade de pessoas que querem ser profissionais e a quantidade e qualidade de suas leituras demonstra isso. O desejo de seguir o ensino superior pouco tem a ver com um louvável interesse intelectual ou com um ânimo de adquirir mais conhecimentos, e muito mais com um desagradável afã de vaidade - a categoria profissional como símbolo de status e com um ânimo de lucro - utilizando a categoria profissional como arma para subir na pirâmide social. O grave é que esta obsessão permanece vigente e imutável apesar das incontestáveis provas contra que a realidade (desemprego, subemprego, exploração, escassez econômica, miséria, discriminação), e se converteu já praticamente em um cego dogma da existência. Ainda que

somente os setores A, B e inclusive às vezes o C possam concretizá-lo, todos alimentam o mito de ter que ser profissional, seja estudando nas academias correspondentes, seja esforçando-se mais para conseguir chegar à academia ou para que seus filhos consigam e sejam melhores que ele próprio.

Milhares de advogados, engenheiros, arquitetos, médicos, contadores, administradores e afins que se vêem obrigados a pendurar o diploma em algum lugar digno da casa e a buscar um subemprego, dirigindo taxis, por exemplo, são uma prova da inutilidade geral da educação superior. O sensato, agora, seria fechar para sempre todas as faculdades lotadas, como as de direito. A sociedade não necessita de mais advogados, nem sequer para seus próprios interesses de conservação. Mas a sociedade não é sensata e, pensando no fluxo de dinheiro e na liberdade de mercado, dirá que cada pessoa tem o direito de crer que faz com sua vida o que quer, dentro dos estreitos limites da lei, da moral, os bons costumes e as profissões rentáveis.

## **A miséria profissional.**

Arthur Schopenhauer, no século 19, escrevia: "Como tudo aquilo que nas ciências está sob a tutela do Estado, as universidades acompanham de perto a filosofia seriamente cultivada." <sup>9</sup>. Quando os índices de rentabilidade econômica não decresceram, mas sim se acentuaram, e os grandes interesses econômicos ditam a política e o curso das pesquisas, não é de se esperar que as palavras do pessimista alemão tenham perdido vigência.

Hoje em dia destacados cientistas que discordam da versão oficial da AIDS, das campanhas nacionais e os custosos tratamentos afirmando que não é causado por um vírus e que, além disso, não é contagioso, vivem na sua própria carne o que é uma prática comum nas democracias capitalistas: a censura,

---

9NT: "A la filosofía seriamente cultivada le vienen muy estrechamente las universidades, como todo aquello que en las ciencias esté bajo la tutela del Estado."

seja ela de parte das corporações midiáticas, pressionadas pelos consórcios de patrocinadores e pelo Estado ou de parte da instituição oficial - neste caso a instituição médica que não irá oferecer subvenções nem espaço em suas revistas especializadas. A desvalorização do conhecimento a serviço do capital somente fica mascarada por trás dos jargões ou dos termos médicos.

Por trás das palavras que aproveitam a ignorância inculcada para poder impressionar, se encontra um aprendizado como um manual de perguntas e respostas, um cômodo estancamento explicativo em um universo que nos exige, não tanto para ser essencialmente conhecido, mas sim para atuar de forma não alienada nele, a capacidade pessoal de relacionar dados e experiências, a capacidade de sentir incertezas e perguntar, a liberdade da não especialização. A especialização é, por um lado, um conhecimento encontrado por outros que só será transmitido e aprendido, por outro, não é um momento possível dentro de um processo complexo e difícil de separar, mas sim um final, uma meta, é uma detenção, uma morte, e serve à sociedade autoritária e positivista que a promove.

. Apresenta-se, no ser humano, como um fato que limita para sempre a direção e o alcance de suas secretas ramificações.

Paralelamente, os juizes, policiais, advogados, carcereiros, os jornalistas policiais e os de espetáculos, os médicos forenses, todos os bons profissionais que vivem das causas penais precisam da existência contínua da delinqüência para seguir cobrando seus salários, assim como os psicólogos e psiquiatras necessitam do entorno social patogênico, as rotinas devastadoras, o trabalho automatizado e o stress laboral para que suas vidas não careçam de sentido com o consultório vazio.

Um *graffiti* que foi visto na parede exterior de um hospital espanhol esclarece a situação desta sociedade: "Enquanto a quantidade de pessoas que vivem do câncer for maior das que morrem, a cura jamais será encontrada." Tampouco se encontrará enquanto existam cruzadas de caridade como Teleton que, mediante o desfile grotesco dos profissionais da arte e da política, e recorrendo a manipulação emocional, arrecada os milhões que acabarão nos laboratórios médicos, nas grandes



mídias, na indústria publicitária, nos agradecimentos pelos serviços prestados. Ninguém perguntará nada sobre as causas do câncer, se os altos custos dos tratamentos têm sustento material ou se eles se estabelecem com discrição, aproveitando a urgência da doença. Ninguém fará nunca as perguntas importantes, mas em frente aos hospitais de neoplasia os grandes painéis publicitários continuarão anunciando refrigerantes que nenhum profissional poderá afirmar, com provas, que não são cancerígenos, o que, na linguagem dos especialistas, significa que realmente são, mas que a lei - realizada por outros profissionais - está do seu lado e protege o segredo de certas fórmulas.

No mundo regido pela mercadoria tudo se completa com uma aparente perfeição. Os administradores das filiais das multinacionais de *fast-food*, por exemplo, são esforçados profissionais dedicados a satisfazer a urgente necessidade - criada pelos profissionais da publicidade - que alguns setores sociais têm de comer hambúrgueres, e ganham um bom salário sem vir a saber que administram, também, a destruição das selvas do planeta que são convertidas, em um ritmo vertiginoso, em papel para as embalagens e em pastos para o gado.

O Mundo se move profissionalmente segundo os ditames do dinheiro. Alguém desenvolve o plano em nome do progresso e do bem estar social. Alguém outro o legaliza. Outro mais o administra. Alguém faz a contabilidade. Outro se encarrega de fazer a publicidade nos meios de comunicação. Alguém capataz contrata peões enquanto os proprietários acumulam riquezas e espalham cânceres, migalhas, perturbações mentais e ambientais. Ninguém é capaz de ver além de seus narizes. Todos são muito felizes, ingênuos ou resignados. A tarefa dos profissionais não é produzir conhecimento, melhorar a vida, corrigir erros ou denunciar mentiras. A tarefa dos profissionais é, em alguns casos, aceitar a maquinaria capitalista, e em outros, no caso dos profissionais intelectuais, é convencer-nos de que a mercadoria é bela e benigna.

A miséria profissional se dirige, segundo as necessidades do mercado, mais e mais até a especialização técnica. Existem antigos institutos que obtêm status universitário graças a

grandes investimentos monetários, e a construção de edifícios de dez andares de onde sairão somente apertadores de botões; inovadores centro universitários que oferecem esperançosas carreiras do futuro, mas que, por algum tipo de pudor renascentista, obrigam seus estudantes pós-modernos já no primeiro ano a ler textos com as grandes frases da história e resumos das biografias dos homens mais ilustres, para que assim ninguém discuta seu status universitário ou afirme que não possui uma formação integral e humanista.

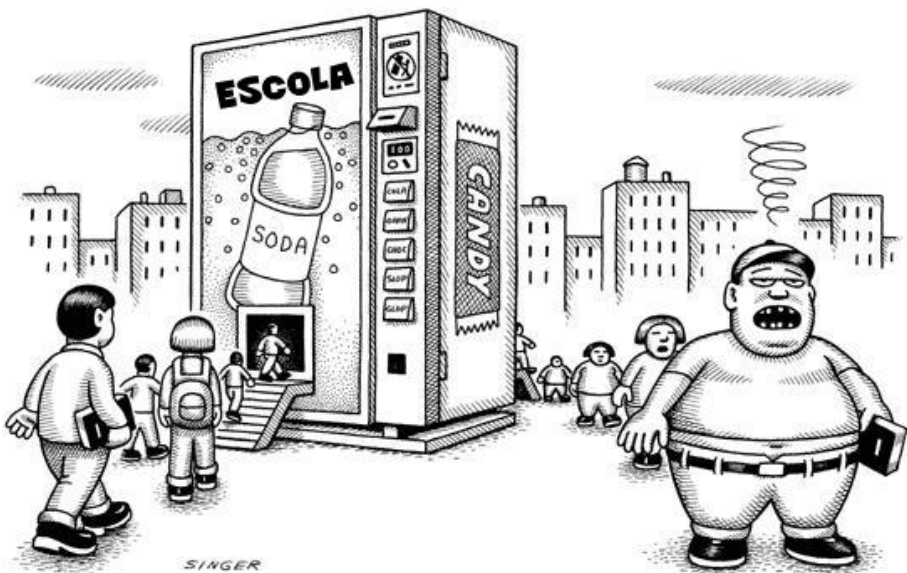
Existem ex-ministros de economia que inauguram centros universitários técnicos de elite com o ideal de que cada estudante ao sair seja capaz de montar seu próprio grande negócio, ou que ao menos seja capaz de administrar bem a herança familiar, numa sociedade ciclicamente atingida por recessões econômicas que por fim não tende a deixar de ser uma pirâmide injusta. Existem antigas universidades que consideram secretamente a possibilidade de eliminar - mediante alguma discreta e prática fusão- as escolas e faculdades menos solicitadas, e, portanto menos rentáveis, como filosofia ou história; e outras menos antigas, mas mais prestigiadas que flexibilizam o nível acadêmico exigido a seus ingressantes de maneira que possam ser ocupadas todas as vagas disponíveis, permitindo o ingresso daqueles que não conseguem ser aprovados no vestibular mas que aceitam pagar custear um ano a mais, onde serão estafados estudando matérias que poderiam chamar-se “Introdução à introdução”.

Nas épocas em que a universidade serve às exigências de eficácia e treinamento técnico, as humanidades sem inteligência são simples elementos decorativos que se apresentam para provocar confusão ou indulgência. Nas aulas abundam os controles de leitura que se movem entre a capacidade de memória e a compreensão autêntica, porém serão desencorajadas todas as tentativas de desenvolver conclusões abertamente equivocadas, quer dizer, capazes de pôr em perigo os paradigmas de um sistema que se sente tão seguro que se dá ao luxo de fingir que encoraja o pensamento crítico e a discussão.

Existem, por outro lado, departamentos da área de Humanas que, com discursos vazios, solicitam a concessão de títulos *honoris causa* segundo os ditames da política governamental; e faculdades de arte e literatura que continuam recebendo estudantes que serão impedidos de efetuar qualquer aproximação não-acadêmica à poesia, ou toda aplicação rigorosa da poesia de César Moro (que a mesma universidade editará em belas edições para o consolo geral) por suas próprias autoridades e instituições, porque sabe que terminariam sendo qualificadas como dementes e paralíticas.

As humanidades, controladas pela instituição universitária, aparecem como cortinas de fumaça destinadas a evitar que a miséria geral se revele ante os olhos. Nas mãos corrompidas das autoridades são um jogo de imagens que provocam, inclusive, aplausos de entusiasmo, ingênuos aplausos similares aos provocados pela última fraude idealizada por uma universidade de status mediano.

Esta universidade resolveu obrigar seus ingressantes a estudar cursos de inglês tão básicos que roçam a onomatopéia, pelo que não servirão nem para fins humanistas nem comerciais - o inglês é necessário por que é o idioma do império - mas que serão pagos em prestações extras, como algo aparte e especial, o que permitirá a universidade não somente engrossar seu patrimônio, mas também o gosto de vender melhor ante os olhos de novos suplicantes, anunciando nos diários como "Universidade bilíngüe" em um gesto que resulta tão ridículo como o provável inglês do reitor, ou tão grosseiro como o futuro que se acerca. Em tempos em que as novas gerações se movem, como nunca antes, na segurança de um pensamento circular e uma prática de submissão que não sabe dos riscos, audácias, autodidatismo, investigações autônomas ou poesia, o futuro aparece, irrefutavelmente, como uma nuvem radioativa com formato de um computador de última geração.



## **Anti-universidade: um passo a mais na anti-pedagogia.**

Com frequência se contrapõe à prática universitária a prática escolar, como se aquela fora um grande avanço e tivesse características qualitativamente distintas. Inclusive se apresenta a Universidade como o recinto desde o qual brotarão soluções e alternativas aos grandes problemas de nosso tempo. Oculta-se assim, com um otimismo necessariamente envolvido com a mentira ardilosa ou com a idiotice, o fato de que nas universidades, como nas escolas, persiste toda uma concepção autoritária da vida, estritos horários para cumprir, exames, notas de aprovação e desaprovação, uma verticalidade mofada que nenhuma aula moderna naturalmente iluminada pode ocultar.

A universidade mantém intacta a função repressiva da escola, levando-a a um estágio mais avançado. Nem sempre tem que recorrer a tanques e intervenções militares; geralmente lhes basta manter a ficção do co-governo, simulacro de democracia na que participarão sempre dóceis estudantes que adquiriram o

mau hábito da política representativa, e que mediante a formação de divisões estudantis farão possível não uma democracia direta e assembleária, mas sim a criação de máfias e pequenos grupos de poder, a existência do alto segredo burocrático e a perpetuação de um regime sob o qual é necessário até mesmo pedir permissão para colar um cartaz numa parede, e onde com a fórmula legal que proíbem as atividades extra-acadêmicas se censura ou desencoraja toda atividade independente e autônoma capaz de produzir algum conhecimento dissonante do saber oficial.

David Cooper compara a Universidade a um hospital psiquiátrico: "O design exterior é bastante parecido: o bloco administrativo e outros departamentos, alojamentos, laboratórios e todo o resto. Algumas universidades têm cercas e porteiros para controlar quem entra e quem sai. A ironia é que provavelmente ninguém entra e, certamente, nunca ninguém sai. As duas instituições estão repletas de preocupação fingida dos "guardiões" sobre os "guardados". Os dois são boas almas de cujos peitos emanam um antigo veneno, sedantes de todos os tipos imagináveis, desde a pílula certa para tal paciente até o trabalho justo para o graduado exato."

As universidades, apoiando esta comparação, se apresentam a si mesmas em avisos televisivos como as guardiãs da razão, como o exemplo decisivo e obrigatório para uma vida completa, estancada pela esclerose de sua pretenciosa e dogmática forma de conceber e produzir um conhecimento que se pretende universalmente válido. Assim, ignora ou menospreza a sabedoria de dissidentes como Feyerabend, quem afirma que o progresso científico somente é possível quando certas regras "óbvias" são desrespeitadas voluntária ou involuntariamente, e diz ainda que onde a razão vem ditada pela norma, que "os cientistas desenvolverão e sustentarão suas teorias irracionalmente; não existem normas gerais que estabelecem a verdade, tudo é válido."

As Universidades, muito racionalmente, têm importantes interesses monetários, claros objetivos de submissão social e atuam segundo as exigências ditadas pelo mundo do trabalho assalariado. Levando em consideração isto, as universidades são

importantes somente pelos meios úteis (bibliotecas, salões de conferência, aulas raramente valiosas, restaurantes, salas de informática, galerias) que, com fins contrários a seus objetivos originais, podem ser aproveitados por não estudantes desejosos de explorar as margens do conhecimento, o subsolo da versão oficial, cientes de que "pensar é sempre pensar contra".

Sobre o pensamento, essa atividade tão desalentada por toda prática educativa, diz Viviane Forrester:

"Não existe atividade mais subversiva e mais temida que o pensamento. E também mais difamada, cujo fato não é coincidência já que o pensamento é político. E não somente o pensamento político o é. O simples fato de pensar é político. Daí vem esta luta traiçoeira e por isso mais eficaz e mais intensa em nossa época contra o pensamento. Contra a capacidade de pensar." De que maneira provocar o pensamento, a capacidade de ler nas entrelinhas, o exercício alegre da lucidez e da crítica? De que forma incentivar, permitir a inovação, o descobrimento, a criação de um conhecimento que sirva para viver, quando somente existe vida fora da mercadoria? Agustín García Calvo renuncia ao título de filósofo por considerá-lo desprestigiado e absolutamente assimilado pelo sistema e prefere, se é que prefere algum, o título menos profissional e manuseado, menos padronizado e definido, e portanto mais livre, de pensador.

A criação de contra-universidades, lugares autônomos onde coincidam pensadores, estudantes e professores, interessados em quebrar a monotonia, as rigidezes e pobreza acadêmicas, onde o conhecimento deixe de ser "imposto" para ser uma criação comum ou um descobrimento individual a partir de uma possibilidade comum, a menos que o mútuo acordo solicite uma intervenção magistral em alguma questão de ordem técnica, pode ser uma alternativa válida frente à morte universitária. David Cooper diz: "O que proponho é uma estrutura móvel, totalmente des-hierarquizada e em revolução contínua, capaz assim de gerar revolução além dos limites de sua estrutura. A universidade (ou, o que neste estado da história deveria se chamar anti-universidade, contra-universidade ou algo parecido) seria uma reticula muito ampla. As células funcionariam dentro

de uma universidade oficial como um antídoto do sistema, ou de forma muito independente.

Estas estruturas informais, desprovidas por completo dos pesos da esquerda que se submete à dinâmica e à lógica da política autoritária, quer dizer, desprezando totalmente o poder, sem nenhuma intenção de conquistá-lo e com a organização mínima para funcionar, provavelmente seriam consideradas suspeitosas, ou inclusive ilegais, pelas autoridades acadêmicas, o que nos demonstra a boa saúde do cadáver universitário e a necessidade destas instâncias de contestação e crítica.

Se não é possível a criação destes espaços livres, é devido à repressão autoritária ou porque não sucederam os felizes encontros com as pessoas necessárias – devido aos cada vez mais estreitos e previsíveis interesses das novas gerações ingressantes; se já não viáveis nem sequer as intervenções pessoais na aula com a intenção de provocar algum debate ou alguma inquietude, devido ao estupor geral e às represálias. E se a perspectiva de um horizonte de exames e aulas vulgares já é insuportável, o único recurso para salvaguardar a integridade pessoal parece ser abandonar formalmente o antro universitário, de maneira solitária e silenciosa, protagonizando o que aos olhos do mundo é um abandono inexplicável.

## **A Miséria dos independentes**

*"Certamente, entre os estudantes, existem alguns com um nível intelectual suficiente. Estes dominam sem esforço os miseráveis controles de capacidade previstos pelos mediocres, e os dominam perfeitamente porque compreenderam o sistema, porque o desprezam e conhecem seus inimigos. Tomam do sistema de estudos o que ele tem de melhor: as bolsas. Seu desprezo manifesto quanto ao sistema anda junto com a lucidez que lhes permite ser mais fortes que os serventes do sistema e principalmente, no terreno intelectual. Estes de quem falamos, figuram já entre os teóricos do movimento revolucionário que se aproxima. Não escondem de ninguém que o que tomam do "sistema de estudos" é utilizado para sua destruição"*  
Mustafá Kayatí

Ano após ano se repetem os mesmos sucessos, os estudantes mostram sua indignação por algo que acontece em seu meio<sup>10</sup>, enquanto que a meia quadra sucede o mesmo. Contudo, isto não os interessa: essa é a lógica estudantil, burguesa por natureza. As críticas às agrupações e ao meio em si mesmo já foram realizadas, agora é o momento de ocupar-nos deste ser, o independente, que cada vez mais se apresenta como o ator principal do espetáculo estudantil.

O independente é por excelência o despojado ideológico. Cai vez ou outra numa postura apolítica asquerosa, pensando que o simples fato de não estar configurado em um partido ou agrupação é um fim em si mesmo, por mais que suas exposições sejam tão ou mais inofensivas que a dos partidos políticos. O independente desconhece que a reprodução desta mentalidade é a que fará que todo seu potencial seja invertido pelo sistema para ser convertido em mais um escravo. Obviamente, mais tarde, já inserido no mercado de trabalho, dirá que a política não lhe interessa, que ele se interessa por outras coisas.

O independente se contrapõe ao centralismo democrático<sup>11</sup> não por coerência nem por moral, e menos ainda pela praticidade com que planeja a luta de classes. Este demonstra seu anti-partidarismo somente por uma questão de simbolismos, sabe que os partidos são maus, e que não o representam. Mas não consegue arrancar de si o porquê, e nem sequer põe em xeque a questão da representação, já que seu anseio é esse utópico centro de estudantes independentes.

O independente não se imagina além de seu entorno, a Universidade é seu mundo e somente aí ele encontra essa lavagem de culpas que tanto necessita em sua vida. À sua falta de ideais tenta contrapor uma indolência no estruturado horário

---

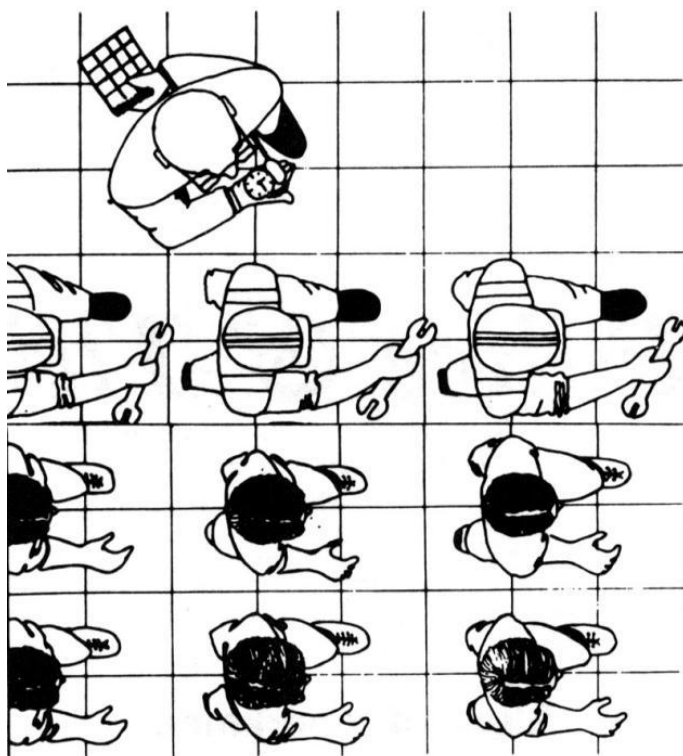
10 Aqui cremos necessário realizar esta contextualização: o presente texto foi escrito e publicado na época em que os estudantes da faculdade de ciências humanas da UBA (Buenos Aires), mostravam seu repúdio a implantação de seguranças privados nas instalações, que haviam começado suas tarefas em abril de 2008 por ordens do Reitor.

11 O centralismo democrático é o modelo de organização e funcionamento dos partidos e organizações marxista-leninistas. Supõe a combinação de centralismo e democracia para potencializar a disciplina consciente e o sacrifício voluntário da liberdade em proveito da máxima eficiência.



que dedica à "sua militância", <sup>12</sup>porque, sem dúvida, fora deste horário é um cidadão e não um revolucionário.

Somente tendo uma visão global dos fatos poderemos considerar-nos realmente revolucionários. Devemos estender as boas facetas de ser independente, deixando de lado as prejudiciais. Necessitamos assim mesmo continuar afastados dos partidos, assim como de toda hierarquia, e compreender finalmente que a universidade não pertence aos explorados: é somente uma estrutura mais do sistema dominante, orquestrada para nos anular, sendo necessária sua destruição.



---

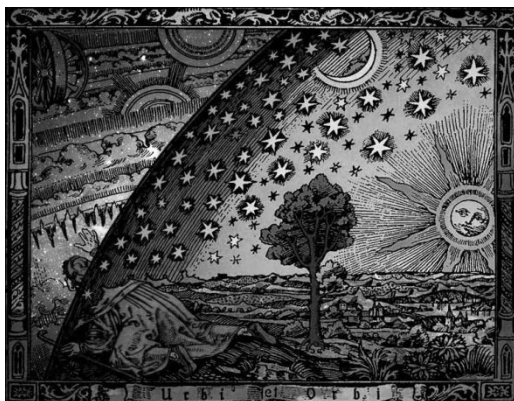
12 Chegará um momento em que nós, os revolucionários, não nos chamaremos mais militantes e começaremos a ser pessoas responsáveis. Será nesse mesmo momento histórico, quando este infame termo somente encontrará aplicação nos círculos dos "profissionais da revolução", que com seu vocabulário e ações putrefatas estarão em via de extinção

# Como defender a sociedade contra a ciência<sup>13</sup>

Paul Feyerabend<sup>14</sup>

Praticantes de uma profissão estranha, amigos, inimigos, senhoras e senhores: antes de iniciar minha palestra, deixem-me explicar como ela passou a existir.

Há um ano, aproximadamente, eu estava com pouco dinheiro. Aceitei, então, um convite para contribuir para um livro sobre a relação entre ciência e religião. Para fazer o livro vender, pensei que deveria fazer da minha contribuição algo provocativo; e a declaração mais provocante que pode ser feita sobre a relação entre ciência e



---

13 “How to Defend Society against Science”, artigo publicado em “Scientific Revolutions”, Hacking, 1987, uma reimpressão de Radical Philosophy no. 11, 1975. Com correções nossas, a tradução é de Paulo Luiz Durigan e está disponível no site: <http://www.apriori.com.br/cgi/for/como-defender-a-sociedade-diante-da-ciencia-feyerabend-t9749.html>

14 NT: Paul Feyerabend (1924-1994), austríaco, professor de filosofia das Universidades de Berkeley, Auckland, Sussex, Yale, Londres e Berlim. Entre seus estudos estão “Against Method”, “Knowledge Without Foundation”, “Science in a Free Society”, “Farewell to Reason”, “Conquest of Abundance: A Tale of Abstraction versus the Richness of Being”, entre outros. Seria o filósofo da “epistemologia anárquica”.

religião é que a ciência é uma religião. Tendo elaborado a declaração central de meu artigo, descobri que muitas razões, muitas razões excelentes, poderiam ser encontradas para mantê-la. Enumerei as razões, terminei o meu artigo, e fui pago. Essa foi a primeira fase.

Em seguida fui convidado para a Conferência para a Defesa da Cultura. Aceitei o convite porque pagaram meu vôo para a Europa. Eu também devo admitir que estava bastante curioso. Quando cheguei a Nice, não tinha idéia do que iria dizer. Enquanto a conferência prosseguia, descobri que todos esperavam muito da ciência e que todos estavam muito sérios. Então resolvi explicar como alguém poderia defender a cultura da ciência. Todas as razões recolhidas no meu artigo se aplicariam bem aqui também e não houve necessidade de inventar coisas novas. Eu dei minha palestra, fui recompensado com um protesto sobre as minhas "perigosas e irrefletidas idéias", peguei minha passagem e vim para Viena. Essa foi a fase dois.

Agora eu gostaria de me dirigir a vocês. Tenho um palpite de que em algum aspecto vocês são muito diferentes do meu público de Nice. Para começar, vocês parecem muito mais jovens. Minha audiência em Nice estava repleta de professores, empresários e executivos de televisão, e a idade média girava em torno de 58,5 anos. Então tenho certeza que a maioria de vocês é consideravelmente mais à esquerda do que algumas pessoas que estavam em Nice. De fato, falando um pouco superficialmente, eu poderia dizer que vocês são um público de esquerda, enquanto o meu público-alvo em Nice era um público de direita. No entanto, apesar de todas essas diferenças, vocês têm coisas em comum. Ambos, eu assumo, têm interesse em ciência e conhecimento. A ciência, é claro, precisa ser mudada e deve ser feita de forma menos autoritária. Mas uma vez que as reformas sejam feitas, a ciência constitui-se em uma valiosa fonte de conhecimento que não deve ser contaminada por ideologias de natureza diferente. Em segundo lugar, os dois públicos são de pessoas sérias. O conhecimento é um assunto sério, tanto para a direita como para a esquerda, e deve ser perseguido através de um espírito sério. A frivolidade está fora; a dedicação e a aplicação séria estão dentro. Essas semelhanças

são tudo que eu preciso para repetir minha palestra de Nice a vocês com quase nenhuma mudança. Então, aqui está.

## **Contos de fadas**

Eu quero defender a sociedade e os seus habitantes de todas as ideologias, inclusive da ciência. Todas as ideologias devem ser vistas em perspectiva. Não se deve levá-las tão a sério. É preciso lê-las como contos de fadas, os quais têm muitas coisas interessantes para dizer, mas também contêm mentiras maliciosas, ou como prescrições éticas, as quais podem ser úteis regras práticas, mas que são mortais quando seguidas à risca.

Agora, essa não é uma atitude estranha e ridícula? A ciência, certamente, esteve sempre na vanguarda da luta contra o autoritarismo e a superstição. É à ciência que devemos o incremento de nossa liberdade intelectual frente às crenças religiosas; é à ciência que devemos a libertação da humanidade de formas de pensamento antigas e rígidas. Hoje, essas formas de pensar são apenas pesadelos - e isso aprendemos com a ciência. Ciência e iluminação são uma e a mesma coisa - até mesmo os críticos mais radicais da sociedade acreditam nisso. Kropotkin queria derrubar todas as instituições tradicionais e as formas de crença, à exceção da ciência. Ibsen critica as mais íntimas ramificações da ideologia burguesa do século XIX, mas deixa intocada a ciência. Lévi-Strauss nos fez perceber que o pensamento ocidental não é o ápice solitário da realização humana, como freqüentemente se acreditava, mas exclui a ciência de sua relativização das ideologias. Marx e Engels estavam convencidos de que a ciência auxiliaria os trabalhadores na sua busca pela libertação mental e social. Todas essas pessoas estavam enganadas? Estavam todos equivocados sobre o papel da ciência? São todos vítimas de uma quimera?

Para essas perguntas a minha resposta é um firme: Sim e Não.

Deixem-me explicar a resposta.

Minha explicação é composta de duas partes, uma mais geral e outra mais específica.

A explicação geral é simples. Qualquer ideologia que rompe o controle que um sistema abrangente de pensamento exerce sobre as mentes dos homens, contribui para a libertação destes. Qualquer ideologia que faz o homem questionar crenças herdadas é um auxílio para a iluminação. Uma verdade que reina sem freios e contrapesos é como um tirano que deve ser deposto, e qualquer mentira que possa nos ajudar a jogar longe esse tirano deve ser bem-vinda. Disso segue que a ciência dos séculos XVII e XVIII, na verdade foi um instrumento de libertação e de iluminação. Disso não segue que a ciência seja compelida a permanecer como tal. Não há nada inerente na ciência ou em qualquer outra ideologia que as tornem essencialmente libertadoras. Ideologias podem deteriorar-se e tornarem-se religiões estúpidas. Veja o Marxismo. E que a ciência de hoje é muito diferente da ciência de 1650 é evidente ao olhar mais superficial.

Por exemplo, considere o papel que a ciência desempenha agora na educação. Os "fatos" científicos são ensinados em uma idade muito precoce e da mesma maneira como os "fatos" religiosos eram ensinados a apenas um século atrás. Não há nenhuma tentativa de despertar as capacidades críticas do aluno para que ele possa ser capaz de ver as coisas em perspectiva. Nas universidades a situação é ainda pior, a doutrinação é aqui realizada de forma muito mais sistemática. A crítica não está totalmente ausente. A sociedade, por exemplo, e as suas instituições, são criticadas severamente e muitas vezes injustamente, e isso já ao nível do ensino fundamental. Mas a ciência é excluída dessas críticas. Na sociedade em geral, o juízo de um cientista é recebido com a mesma reverência como o pensamento de bispos e cardeais era aceito não muito tempo atrás. O movimento em direção à "desmitologização"<sup>15</sup>,[2] por exemplo, é em grande parte motivado pelo desejo de evitar

---

15 NT: "Desmitologização" é um método de interpretação religiosa, principalmente do Novo Testamento, levada a cabo por Rudolf Bultmann (1884-1976) e que consistia em eliminar conceitos tidos como "pré-científicos", tais como os milagres bíblicos, substituindo-os por explicações científicas atuais.

qualquer conflito entre o cristianismo e as idéias científicas. Se tal conflito ocorre, então, certamente, a ciência estará certa e o cristianismo, equivocado. Aprofundem a investigação e vocês notarão que a ciência tornou-se tão opressiva quanto as ideologias, contra quem um dia combateu. Não se deixe enganar pelo fato de que hoje dificilmente alguém é morto por unir-se a uma heresia científica. Isso não tem nada a ver com ciência. Tem algo a ver com a qualidade geral de nossa civilização. Os hereges em ciência ainda sofrem as sanções mais severas que esta civilização relativamente tolerante tem para oferecer.

Mas - esta descrição não é completamente injusta? Eu não coloquei a questão de forma bastante distorcida, usando terminologia tendenciosa e distorcida? Não devemos descrever a situação de maneira muito diferente? Eu disse que a ciência se tornou rígida, que deixou de ser um instrumento de mudança e libertação, sem acrescentar que ela encontrou a verdade ou grande parte desta. Considerando este fato adicional percebemos - então a oposição cessa - que a rigidez da ciência não se deve à obstinação humana. Encontra-se na natureza das coisas. Porque, uma vez descoberta a verdade - o que mais podemos fazer, senão segui-la?

Esta resposta trivial é qualquer coisa, menos original. É usada toda vez que uma ideologia tenciona reforçar a fé de seus seguidores. A "Verdade" é uma palavra tão agradavelmente neutra. Ninguém negará que é louvável falar a verdade e inadequado dizer mentiras. Ninguém negará isso - e, todavia, ninguém sabe o que tal atitude implica. Assim é fácil torcer as questões e pular da fidelidade à verdade em assuntos do cotidiano para a fidelidade à Verdade de uma ideologia, o que não é nada mais que a defesa dogmática desta ideologia. E é claro, não é verdadeiro que necessitamos seguir a verdade. A vida humana é guiada por muitas idéias. A verdade é uma delas. A liberdade e independência intelectual são outras. Se a Verdade, tal como concebida por alguns ideólogos, conflita com a liberdade, então nós podemos escolher. Podemos abandonar a liberdade. Mas também podemos abandonar a Verdade (alternativamente, pode-se adotar uma idéia mais sofisticada de que a verdade não contradiz a liberdade, que foi a solução de Hegel). A minha crítica à ciência moderna é que ela inibe a

liberdade de pensamento. Se o motivo é que ela tenha encontrado a verdade e agora a segue, então eu diria que há coisas melhores que essa primeira descoberta e depois seguir o monstro.

Isso finaliza a parte geral da minha explicação.

Há um argumento mais específico com vias a defender a posição excepcional que a ciência tem na sociedade atual. Em resumo o argumento diz (1) que a ciência encontrou finalmente o método correto para alcançar resultados e (2) que há muitos resultados para provar a excelência do método. O argumento é equivocado - mas a maioria das tentativas para provar isso acabam caindo em um beco sem saída. A metodologia tem hoje se tornado tão abarrotada de sofisticação vazia que é extremamente difícil perceber os erros simples na base. É como lutar contra a Hidra - corta-se uma cabeça feia e oito figuras tomam seu lugar. Desse jeito a única resposta é a superficialidade: quando a sofisticação perde o conteúdo, então a única maneira de manter contato com a realidade é tornar-se grosseiro e superficial. É o que pretendo ser.

## **Contra o método**

Há um método, diz a parte (1) do argumento. Qual é? Como funciona? Uma resposta que já não é tão popular como costumava ser é que a ciência funciona através da coleta de fatos e infere teorias a partir deles. A resposta não é satisfatória porque as teorias nunca seguem de fatos, no estrito sentido lógico. Dizer que elas ainda podem ser apoiadas em fatos pressupõe uma noção de suporte que (a) não mostre esse defeito e (b) seja suficientemente sofisticada para nos permitir afirmar em que medida, por exemplo, a teoria da relatividade apóia-se em fatos. Tal noção não existe hoje, nem é provável que venha a ser encontrada (um dos problemas é que necessitamos uma noção de apoio que afirma que os corvos são cinzentos para sustentar "todos os corvos são negros").<sup>16</sup> É o que foi levado a

---

16 NT: o texto original diz "No such notion exists today, nor is it likely that it will ever be found (one of the problems is that we need a notion of support in

cabo pelos convencionalistas e pelos idealistas transcendentais, os quais assinalaram que as teorias dão forma e ordem aos fatos e podem, por conseguinte, serem conservados aconteça o que acontecer. Eles podem ser mantidos porque a mente humana, consciente ou inconscientemente, exerce sua função de ordenação. O problema com esses pontos de vista é que eles assumem para a mente o que pretendem explicar para o mundo, isto é, que funciona de forma regular. Há apenas uma visão que supera todas essas dificuldades. Foi inventada duas vezes no século XIX, por Mill, em seu imortal ensaio “A Liberdade”, e por alguns darwinistas que levaram o darwinismo para a batalha de idéias. Esse ponto de vista pega o touro pelos chifres: teorias não podem ser justificadas e a sua excelência não pode ser demonstrada sem referência a outras teorias. Nós podemos explicar o sucesso de uma teoria em função de uma teoria mais abrangente (podemos explicar o sucesso da teoria de Newton usando a teoria da relatividade geral); e podemos explicar nossa preferência por ela comparando-a com outras teorias.

Essa comparação não prova a excelência intrínseca da teoria que escolhemos. De fato, a teoria que elegemos pode ser bem tosca. Pode conter contradições, pode entrar em conflito com fatos conhecidos, pode ser incômoda, pouco clara, ad hoc em situações decisivas, e assim por diante. Mas ela ainda pode ser melhor do que qualquer outra teoria disponível no momento.<sup>17</sup> Tampouco os padrões<sup>18</sup> de julgamento são escolhidos de forma

---

which grey ravens can be said to support "all ravens are black"). Talvez tenha pretendido dizer de que de “alguns corvos são negros” segue “todos os corvos são negros”. Em *Against Method* diz: “Com efeito, para mostrar que a generalização ‘todos os corvos são negros’ é sustentada com questionável fundamento, basta apresentar um corvo branco e revelar as tentativas feitas no sentido de escondê-lo, de transformá-lo em um corvo preto ou de levar as pessoas a acreditarem que ele é, na verdade, preto; e é perfeitamente razoável ignorar os muitos corvos pretos que indubitavelmente existem”. A menção tem a ver com o chamado “paradoxo dos corvos”, de Hempel. Diz o paradoxo que se “todos os corvos são pretos” a derivação lógica necessária seria “tudo que não é preto não é corvo”. Isso levaria a que asserções tais como “a mesa é azul” justificariam que “tudo que não é preto não é corvo”.

17 NT: Em algumas publicações há, a seguir, uma frase, suprimida neste texto: “It may in fact be the best lousy theory there is”, isto é, “ela, de fato, pode ser a melhor teoria tosca que há”.

18 NT: standarts.



absoluta. Nossa sofisticação é incrementada a cada escolha que fazemos, e o mesmo ocorre com nossos padrões. Os padrões rivalizam da mesma maneira como as teorias competem e nós escolhemos os padrões mais adequados à situação histórica na qual a escolha ocorre. As alternativas rejeitadas (teorias, normas, "fatos") não são eliminadas. Elas servem como corretivos (afinal de contas, nós podemos ter feito a escolha errada) e também servem para explicar o conteúdo das posições preferenciais (nós entendemos relativamente melhor quando compreendemos a estrutura das suas concorrentes; conhecemos o sentido pleno de liberdade somente quando temos idéia da vida em um estado totalitário, de suas vantagens - e há muitas vantagens - assim como das suas desvantagens). O conhecimento assim concebido é um oceano de alternativas canalizadas e subdivididas por um oceano de padrões. Isso força a nossa mente a fazer escolhas imaginativas e, portanto, a faz crescer. Faz nossa mente ser capaz de escolher, imaginar, criticar.

Hoje esse ponto de vista é frequentemente associado ao nome de Karl Popper. Mas há algumas diferenças decisivas entre Popper e Mill. Para começar, Popper desenvolveu sua visão para resolver um problema específico da epistemologia - procurava resolver o "problema de Hume".<sup>19</sup> Mill, por outro lado, está interessado nas condições favoráveis para o desenvolvimento humano. Sua epistemologia é o resultado de uma determinada teoria do homem, e não o contrário. Popper, também, sob influência do Círculo de Viena, melhora a forma lógica de uma teoria antes de passar a discuti-la, enquanto Mill usa cada teoria na forma em que ela ocorre na ciência. Em terceiro lugar, os padrões de comparação de Popper são rígidos e fixos, enquanto os padrões de Mill são passíveis de mudança com a situação histórica. Finalmente, os padrões de Popper eliminam os concorrentes de uma vez por todas: as teorias que apresentam ou não falsificabilidade ou falsidade não têm lugar na ciência. Os critérios de Popper são claros, inequívocos, precisamente formulados; os critérios de Mill não o são. Essa

---

19 NT: para melhor entendimento, veja "A crítica de Popper a Hume: o problema da indução", por Osvaldino Marra Rodrigues, disponível em <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/marra66.pdf>.

seria uma vantagem se a própria ciência fosse clara, inequívoca e precisamente formulada. Felizmente, não é.

Para começar, nenhuma teoria científica nova e revolucionária é sempre formulada de maneira que nos permita dizer em quais circunstâncias devemos considerá-la como perigosa: muitas teorias revolucionárias são irrefutáveis. Versões falsificáveis existem, mas elas quase nunca estão de acordo com as declarações de princípio aceitas: toda teoria moderadamente interessante é falsificada. Além disso, as teorias têm falhas formais, muitas delas contêm contradições, ajustes ad hoc, e assim por diante, etc. Aplicados com determinação, os critérios de Popper eliminariam a ciência sem substituí-la por nada comparável. Eles são inúteis como ajuda para a ciência. Na última década, isso foi realizado por vários pensadores, entre eles Kuhn e Lakatos. As idéias de Kuhn são interessantes, mas, infelizmente, são demasiado vagas para dar origem a nada mais do que falsas novidades.<sup>20</sup> Se vocês não acreditam em mim, vejam a literatura. Nunca antes a literatura sobre a filosofia da ciência foi invadida por tantos puxa-sacos e incompetentes. Kuhn incentiva pessoas que não sabem nem por que uma pedra cai no chão a falar com segurança sobre método científico. Não tenho qualquer objeção à incompetência, mas me oponho quando a incompetência é acompanhada de tédio e pedantismo. E é exatamente isso que acontece. Nós não selecionamos interessantes idéias falsas, pegamos idéias chatas ou palavras não relacionadas com idéia alguma. Em segundo lugar, sempre que alguém tenta definir melhor as idéias de Kuhn, acaba achando que são falsas. Já houve um período de ciência normal na história do pensamento? Não - e eu desafio qualquer um a provar o contrário.

Lakatos é muito mais sofisticado do que Kuhn. Em vez de teorias, ele considera programas de investigação, os quais são seqüências de teorias ligadas por métodos de modificação, a chamada heurística. Cada teoria na seqüência pode estar cheia de falhas. Pode estar assolada por anomalias, contradições, ambigüidades. O que conta não é a forma das teorias individuais, mas a tendência exibida pela seqüência. Julgamos a

---

20 NT: "lots of hot air".

evolução histórica e as conquistas ao longo de um período de tempo em vez da situação em um determinado momento. História e metodologia são combinadas em uma única empreitada. Um programa de investigação é dito que progride se a seqüência de teorias leva a novas predições. Diz-se que degenera, se ficar reduzido à absorção de fatos que foram descobertos sem a sua ajuda. Uma característica determinante da metodologia de Lakatos é que essas avaliações já não estão mais ligadas a regras metodológicas que determinam se o cientista deve manter ou abandonar um programa de investigação. Os cientistas podem aderir a um programa degenerado, eles podem até ter sucesso em fazer o programa ultrapassar seus rivais e, por conseguinte, prosseguir racionalmente o que estão fazendo (desde que continuem chamando de degenerados os programa degenerados e de progressivos os programas progressivos). Isso significa que Lakatos oferece palavras que soam como os elementos de uma

metodologia; ele não oferece uma metodologia. Não há método de acordo com a metodologia mais avançada e sofisticada que hoje existe. Com isso finalizo a minha resposta à parte (1) do argumento específico.



## Contra os resultados

De acordo com a parte (2), a ciência merece uma posição especial porque tem produzido resultados. Esse argumento só pode ser dado como válido se nada mais produziu resultados. Pode-se admitir que quase todo mundo que discute o assunto faz tal suposição. Também se pode admitir que não é fácil

demonstrar que essa hipótese é falsa. As formas de vida diferentes da ciência ou desapareceram ou se degeneraram em uma medida que se tornou impossível uma comparação justa. Ainda assim, a situação não é tão desesperada como era há apenas uma década. Tornamo-nos familiarizados com métodos de diagnóstico médico e de tratamento que são eficazes (e talvez até mais eficazes que parcelas correspondentes da medicina ocidental), e que ainda estão baseados em uma ideologia que é radicalmente diferente da ideologia da ciência ocidental. Aprendemos que existem fenômenos como a telepatia e a telecinese, que são eliminados da abordagem científica e que poderiam ser utilizados para fazer a pesquisa de uma forma totalmente nova (pensadores anteriores, como Agrippa von Nettesheim, John Dee,<sup>21</sup> e mesmo Bacon estavam conscientes desses fenômenos). E então - não é que a Igreja salvou almas enquanto a ciência muitas vezes faz o contrário? Evidentemente, ninguém acredita agora na ontologia que fundamenta esse entendimento. Por quê? Devido às pressões ideológicas idênticas às que hoje nos fazem ouvir a ciência com a exclusão de todo o resto. Também é verdade que fenômenos como a telecinese e a acupuntura podem eventualmente ser absorvidos pelo corpo da ciência e, portanto, podem ser chamados de "científicos". Mas note que isso só acontece depois de um longo período de resistência durante o qual a ciência, ainda que não contendo tais fenômenos, quer ter a supremacia sobre as formas de vida que os contêm. E isso leva a uma outra objeção contra a parte (2) do argumento específico. O fato de que a ciência tem resultados conta a seu favor somente se esses resultados foram alcançados pela ciência por si só, e sem qualquer ajuda exterior. Um olhar sobre a história mostra que a ciência quase nunca obtém seus resultados dessa forma. Quando Copérnico introduziu uma nova visão do universo, ele não consultou antecessores científicos, ele consultou um louco pitagórico, Filolau.<sup>22</sup> Adotou suas idéias e ele manteve-as frente a todas as

---

21 NT: Para Kuhn, os períodos de "ciência normal" ocorrem entre as revoluções científicas.

22 NT: Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486-1535), mago, escritor de ocultismo, astrólogo e alquimista. John Dee (1527-1609), matemático, astrônomo, astrólogo, geógrafo, alquimista, estudioso do ocultismo e da magia.

regras do método científico. Mecânica e ótica devem muito aos artesãos; a medicina às parteiras e bruxas. E em nossos dias temos visto como a interferência do Estado pode fazer avançar a ciência: quando os comunistas chineses não se deixaram intimidar pelo julgamento de especialistas e ordenaram a volta da medicina tradicional às universidades e hospitais, houve uma gritaria em todo o mundo de que a ciência estaria em ruínas na China. Muito ao contrário ocorreu: a ciência chinesa avançou e a ocidental aprendeu com ela. Para onde quer que olhemos vemos que grandes avanços científicos são devidos à interferência externa a qual prevalece em face das mais básicas e "racional" regras metodológicas. A lição é clara: não existe um único argumento que poderia ser usado para apoiar o papel invulgar que a ciência hoje interpreta na sociedade. A ciência tem produzido muitas coisas, mas também assim o fizeram outras ideologias. A ciência frequentemente procede sistematicamente, mas o mesmo acontece com outras ideologias (basta consultar os registros dos muitos debates doutrinários que tiveram lugar na Igreja) e, além disso, não há regras preponderantes que sejam respeitadas em quaisquer circunstâncias; não há uma "metodologia científica" que possa ser usada para separar a ciência do restante. A ciência é apenas uma das muitas ideologias que impulsionam a sociedade e deveria ser tratada como tal (esse preceito se aplica até mesmo às mais progressistas e mais dialéticas seções da ciência). Que conseqüências podemos tirar dessa conclusão?

A conseqüência mais importante é que deve haver uma separação formal entre Estado e ciência tal como atualmente existe uma separação formal entre Estado e Igreja. A ciência pode influenciar a sociedade, mas apenas na mesma medida em que a qualquer grupo político ou de pressão é permitido influenciar. Os cientistas podem ser consultados sobre projetos importantes, mas a decisão final deve ser deixada para os órgãos de consultoria democraticamente eleitos. Estes órgãos serão formados principalmente de leigos. Será que os leigos serão capazes de chegar a uma decisão correta? Certamente, porque a competência, as complicações e os sucessos da ciência são muito exagerados. Uma das experiências mais emocionantes é ver como um advogado, que é um leigo, é capaz de encontrar

falhas no testemunho, no testemunho técnico do perito mais avançado e, assim, preparar o júri para o veredicto. A ciência não é um livro fechado, que é compreendida somente depois de anos de treinamento. É uma disciplina intelectual que pode ser examinada e criticada por qualquer interessado e que parece ser difícil e profunda somente por causa de uma campanha sistemática de ofuscamento realizada por muitos cientistas (embora, estou feliz em dizer, não por todos). Os órgãos do Estado nunca deveriam hesitar em rejeitar a decisão dos cientistas quando eles têm razão para fazê-lo. Essa rejeição vai educar o público em geral, irá torná-lo mais confiante, e pode mesmo conduzir a melhoramentos. Considerando o apreciável chauvinismo da comunidade científica, podemos dizer: quantos mais casos Lysenko,<sup>23</sup> melhor (não é a interferência do Estado que é desagradável no caso Lysenko, mas a interferência totalitária que mata o oponente e não apenas negligencia os seus conselhos). Três vivas para os fundamentalistas da Califórnia, que conseguiram que uma formulação dogmática da teoria da evolução e também um relato do Gênesis fossem retirados dos livros didáticos (mas sei que eles se tornarão chauvinistas e totalitários como os cientistas de hoje, se lhes for dada a oportunidade de dirigir a sociedade por si mesmos. As ideologias são maravilhosas quando operadas na companhia de outras ideologias. Elas tornam-se aborrecidas e dogmáticas quando seus méritos conduzem à remoção de seus adversários). A mudança mais importante, no entanto, terá de ocorrer no campo da educação.

## **Educação e Mito**

A finalidade da educação, assim se poderia pensar, é preparar os jovens para a vida, o que significa: na sociedade onde nascem e dentro do universo físico que rodeia a sociedade. O método de ensinamento muitas vezes consiste no ensino de algum mito basilar. O mito está disponível em várias versões. As versões

---

<sup>23</sup> NT: Filolau de Crotona (séc. V, a.C), para quem o centro do universo seria o fogo, e a Terra apenas um dos astros, a circular ao redor dele, produzindo os dias e as noites.

mais avançadas podem ser ensinadas através de ritos de iniciação os quais os implantam firmemente na mente. Conhecendo o mito, o adulto pode explicar quase tudo (ou então ele pode recorrer a especialistas para obter informações mais detalhadas). Ele é o mestre da Natureza e da Sociedade. Ele compreende a ambos e ele sabe como interagir com eles. No entanto, ele não é o mestre do mito que orienta a sua compreensão.

Esse era o domínio mais visado e foi obtido em parte pelos pré-socráticos. Os pré-socráticos, não só tentaram compreender o mundo. Eles também tentaram, para se tornar mestres, entender os meios de compreender o mundo. Em vez de contentarem-se com um único mito, desenvolveram muitos outros, e assim diminuíram o poder que uma história bem contada tem sobre as mentes dos homens. Os sofistas expuseram ainda mais métodos para reduzir os efeitos debilitantes de narrativas interessantes, coerentes, "empiricamente adequadas", etc, etc. As conquistas desses pensadores não foram apreciadas e sequer são entendidas hoje. Ao ensinar um mito, pretendemos aumentar a chance de que ele será compreendido (ou seja, sem nenhuma surpresa quanto a qualquer característica do mito), acreditado e aceito. Isso não faz nenhum mal quando o mito é contrabalançado por outros mitos: mesmo os mais dedicados (isto é, totalitários) instrutores de uma determinada versão do cristianismo não podiam impedir seus alunos de entrar em contato com os budistas, judeus e outras pessoas de má reputação. Isto é muito diferente no caso da ciência, ou do racionalismo, no qual o campo é quase totalmente dominado por crenças. Neste caso, é de suma importância fortalecer a mente dos jovens, e "fortalecer as mentes dos jovens" significa fortalecê-las contra toda aceitação fácil de pontos de vista abrangentes. O que nós precisamos aqui é uma educação que leve as pessoas a discutir, contra-sugestiva, sem torná-las incapazes de se dedicarem à elaboração de qualquer ponto de vista original. Como esse objetivo pode ser alcançado?

Ele pode ser alcançado mediante a proteção da tremenda imaginação que as crianças possuem e desenvolvendo todo o espírito da contradição que existe nelas. Em geral as crianças

são muito mais inteligentes do que os seus professores. Elas sucumbem, e desistem da sua inteligência porque são intimidadas, ou porque seus professores tiram o melhor delas por meios emocionais. As crianças podem aprender, entender e manter separados dois a três idiomas diferentes (por "crianças" quero dizer de três a cinco anos de idade, e não as de oito anos de idade, as quais foram testadas recentemente e não saíram tão bem, porque? porque elas já estavam comprometidas pelo ensino incompetente em idade precoce). Naturalmente, os idiomas devem ser introduzidos de maneira mais interessante do que normalmente é feito. Há escritores maravilhosos em todas as línguas que contam histórias maravilhosas - Vamos começar o nosso ensino de idiomas com eles e não com "der Hund hat einen Schwanz"<sup>24</sup> e tolices semelhantes. Usando histórias que podem, evidentemente, introduzir coisas "científicas", como, por exemplo, a origem do mundo e, assim fazer as crianças familiarizarem-se com a ciência também. Mas à ciência não deve ser dada qualquer posição especial, exceto para sinalizar que existem muitas pessoas que acreditam nela. Posteriormente, as histórias contadas serão completadas com "razões", onde razões significam valores do tipo encontrado na tradição a que pertence à história. E, claro, também haverá razões contrárias. Ambas as razões e motivos contrários serão descritas por peritos do campo e assim a geração mais jovem torna-se-á familiarizada com todos os tipos de sermões e todos os tipos de viajantes. Torna-se-á familiarizada com eles, torna-se-á familiarizada com suas histórias, e cada indivíduo poderá dispor em sua mente o caminho a percorrer. Até agora todos sabem que você pode ganhar muito dinheiro e respeito e talvez até um prêmio Nobel por se tornar um cientista, pelo que muitos se tornarão cientistas. Eles se tornarão cientistas sem terem sido tomados pela ideologia da ciência, eles serão cientistas porque fizeram uma escolha livre. Mas não terão perdido muito tempo em assuntos não-científicos e não estará em causa a sua competência, uma vez que se tornarão cientistas? Em absoluto!

---

24 NT: Trofim Denisovich Lysenko (1898-1976), biólogo, patrocinou sob as bênçãos de Stálin, entendimento fraudado, mas sustentado ideologicamente, que anulava as conquistas da genética e que acabou por suspender todas as pesquisas na área, atrasando por décadas a ciência na URSS.



O progresso da ciência, da boa ciência, depende de idéias inovadoras e da liberdade intelectual: a ciência avançou muitas vezes através de estranhos (lembre-se que Bohr e Einstein se viam como outsiders). Será que muitas pessoas não fizeram a escolha errada e acabaram em um beco sem saída? Bem, isso depende do que você entende por um "beco sem saída". A maioria dos cientistas de hoje são desprovidos de idéias, cheios de medo, tencionam produzir algum resultado insignificante que possam acrescentar à inundação de papéis tolos que agora constituem o "progresso científico" em muitas áreas. E, além disso, o que é mais importante? Levar a vida escolhida com olhos abertos, ou gastar seu tempo nervoso na tentativa de superar o que algumas pessoas não tão inteligentes chamam de "becos sem saída"? Será que o número de cientistas não irá diminuir de modo que, no final, não haverá ninguém para cuidar de nossos preciosos laboratórios? Eu não penso assim. Concedida oportunidade, muitas pessoas podem escolher a ciência, uma ciência que seja executada por agentes livres parece muito mais atraente do que a ciência de hoje, que é executada por escravos e escravas das instituições da "razão". E se houver escassez temporária de cientistas, a situação pode sempre ser sanada por vários tipos de incentivos. Naturalmente, prevejo que os cientistas não irão desempenhar nenhum papel predominante na sociedade. Eles serão mais que compensados pelos magos, ou padres, ou astrólogos. Tal situação é insuportável para muitas pessoas, jovens e velhos, da direita e da esquerda. Quase todos têm a firme convicção de que pelo menos algum tipo de verdade foi encontrada, que deve ser preservada, e que o método de ensino que defendo e sob a forma de sociedade que defendo irá diluí-la e finalmente fazê-la desaparecer.

Vocês têm essa firme convicção, muitos de vocês podem até ter razão. Mas o que vocês têm que considerar é que a ausência de boas razões contrárias é devida a um acidente histórico; que isto não reside na natureza das coisas. Desenvolvidos o tipo de sociedade que eu recomendo e os pontos de vista que agora são desprezados (sem conhecê-los, com certeza) irá surgir um tal esplendor que vocês terão que trabalhar duro para manter sua própria posição e, talvez sejam inteiramente incapazes de fazê-

lo. Vocês não acreditam em mim? Então olhem para a história. A astronomia científica foi firmemente fundada em Ptolomeu e Aristóteles, duas das maiores mentes da história do Pensamento Ocidental. Quem ultrapassaria seu sistema bem-argumentado, empiricamente adequado e precisamente formulado? Filolau, o pitagórico louco e antediluviano. Como Filolau poderia fazer tal reaparecimento? Porque ele encontrou um hábil defensor: Copérnico. Claro, vocês podem seguir a sua intuição como eu estou seguindo a minha. Mas lembre-se que suas intuições são o resultado de seu treinamento "científico", sendo que por "ciência" eu também me refiro à ciência de Karl Marx. A minha formação, ou melhor, a minha não-formação é a de um jornalista que está interessado em acontecimentos estranhos e bizarros. Finalmente, não é absolutamente irresponsável, na situação atual do mundo, com milhões de pessoas passando fome, outros escravizados, oprimidos, na miséria absoluta do corpo e da mente, alguém tratar de pensamentos de luxo como estes? Não é a liberdade de escolha um luxo sob tais circunstâncias? Não é a irreverência e o humor que eu quero ver combinados com a liberdade de escolha, um luxo sob tais circunstâncias? Não devemos desistir de todas as auto-indulgências e agir? Irmos juntos e agir? Esta é a objeção mais importante que hoje é desfechada contra a abordagem recomendada por mim. Ela tem um tremendo apelo, ela tem a atração da dedicação altruísta. Dedicação altruísta - para quê? Vamos ver!

Supõe-se que devemos desistir de nossas inclinações egoístas e dedicar-nos à libertação dos oprimidos. E inclinações egoístas são o que? Elas são o nosso desejo de máxima liberdade de pensamento na sociedade na qual agora vivemos, a máxima liberdade, não só de um tipo abstrato, mas expressa em instituições adequadas e em métodos de ensino-aprendizagem. Este desejo concreto de liberdade intelectual e física em nosso meio, deve ser posta de lado, por enquanto. Isso pressupõe, primeiro, que não precisamos dessa liberdade para a nossa tarefa. Assume-se que podemos realizar nossa tarefa com mente bem fechada para algumas alternativas. Assume-se que a correta forma libertadora já foi encontrada e que tudo o que é preciso é operá-la. Lamento, não posso aceitar a segurança da

autodoutrinação em tais assuntos extremamente importantes. Quer isso dizer que, absolutamente, não podemos agir? Não é assim. Mas significa que, ao agir, temos de tentar realizar o máximo de liberdade que recomendei tanto que nossas ações possam ser corrigidas à luz das idéias que capturamos enquanto incrementamos a nossa liberdade. Isto vai nos atrasar, sem dúvida, mas devemos seguir em frente simplesmente porque algumas pessoas nos dizem que eles encontraram uma explicação para toda a miséria e uma excelente maneira de sair dela? Também queremos libertar as pessoas, mas não para fazê-las sucumbir a um novo tipo de escravidão, mas para fazê-las perceber os seus próprios desejos, por mais diferentes que esses desejos possam ser dos nossos. Libertadores hipócritas e intolerantes não podem agir assim. Como regra logo vão impor uma escravidão que é pior, porque é mais sistemática que a escravidão que removeram. E no que diz respeito ao humor e irreverência, a resposta deveria ser óbvia. Por que alguém iria querer liberar a alguém mais? Certamente não por causa de alguma vantagem abstrata de liberdade, mas porque a liberdade é o melhor caminho para o livre desenvolvimento e, portanto, para a felicidade. Queremos libertar as pessoas para que possam sorrir. Seremos capazes de fazer isso nós mesmos se nos esquecemos de como sorrir e ficamos carrancudos com aqueles que ainda se lembram disso? Não teremos espalhado outra doença, comparável à que se pretende remover, a doença auto-puritana da justiça? Não me oponho a que a dedicação e o humor não andam juntos - Sócrates é um excelente exemplo do contrário. As tarefas mais difíceis necessitam do mais claro controle, ou, então, a conclusão não será a condução para a liberdade mas para uma tirania muito pior do que a substituída.

# **Criatividade, Autoconfiança e Multidisciplinaridade**

Ainda nos parece estranho a capacidade de alguns anarquistas de se adaptarem tão bem a um dos maiores sistemas de repressão que a humanidade já criou: a escola. Talvez uma das poucas frentes que anarquistas poderiam ocupar dentro de uma universidade seria na construção da multidisciplinaridade, que por fim geraria um conflito de grandes proporções com a própria instituição de ensino; ao invés disso os vemos em lutas por reformas ou melhorias dos próprios cárceres em que foram criados. Não bastasse o tempo e energia gastos demandando reformas e melhorias, alguns ainda lutam pela sua expansão.

Não negamos que a escola seja a porta de entrada para o mercado de trabalho, o problema é enxergá-la como algo que seja muito mais do que isso. Também não vemos problemas na inserção de anarquistas na luta por reformas e melhorias no ensino, contanto que saibam as conseqüências de médio e longo prazo do que estão fazendo e entendam que os muros que estão ajudando a construir deverão ser derrubados num futuro próximo caso realmente almejem construir uma sociedade dentro da perspectiva anarquista. Porém, jamais vimos tal reflexão acontecer, e a escola segue sendo a grande “vaca sagrada” da sociedade ocidental. Feyerabend diz que tanto a esquerda quanto a direita defendem com unhas e dentes a toda poderosa “ciência”, acreditamos que o mesmo pode ser dito quando o assunto é a escola.

Alguns podem questionar: “E quanto à pedagogia libertária?”. Anarquistas em geral limitam a pedagogia libertária ao curso de graduação em pedagogia e a projetos de escolas libertárias; dificilmente existe uma integração decente das reflexões trazidas pela pedagogia libertária com a militância política. Mesmo quando a encontramos em tal esfera, é sempre apresentada de

maneira isolada para fins específicos. Dificilmente ganha proporções maiores ao ponto de influenciar a construção de aspectos organizacionais e estratégicos. A própria especialização do militante anarquista dentro da universidade já impede de ter uma percepção mais ampla dos passos que toma dentro da militância política.

Para nós existe uma grande possibilidade de diálogo entre as idéias de Paul Feyerabend e a pedagogia libertária. A sua proposta de inverter a lógica entre verdade e liberdade, trazendo a segunda para o primeiro plano para que a primeira seja constantemente mudada, é algo muito próximo da perspectiva da pedagogia libertária. Se tomarmos como exemplo as escolas libertárias e suas práticas, notaremos que a liberdade vem sempre em primeiro plano e as verdades serão sempre moldadas no processo de aprendizado; por isso a maioria das escolas que seguem tal princípio não visam ter professores, mas sim facilitadores. Por não existir uma verdade pré-estabelecida, tais facilitadores estarão sempre em processo de aprendizado juntamente com as crianças, cada projeto decidido pelas crianças dificilmente terá um molde pronto e isso fará com que as crianças e os adultos facilitadores sempre enfrentem novos desafios e conseqüentemente novas maneiras de aprender. É só perguntar para qualquer adulto que já teve experiências com este tipo de escola o quanto aprendeu com as crianças e se em algum momento se sentiu em situação superior a elas. Portanto, a proposta apresentada por Feyerabend pode ser encontrada em funcionamento em escolas libertárias, e a pedagogia libertária pode se utilizar da Filosofia da Ciência assim como o mesmo pode funcionar no sentido inverso.

Talvez o maior desafio não esteja em trazer a pedagogia libertária e o anarquismo epistemológico para o universo das crianças, mas sim para o universo dos adultos já escolarizados. A proposta de uma escola libertária é simples: formar adultos confiantes de si mesmos, de forma que consigam buscar o que querem dentro de uma diversidade de situações. A proposta de uma escola comum é completamente o inverso disso: formar adultos sem autoconfiança, que tenham medo de errar e que sigam as possibilidades já dadas. Se a maioria dos anarquistas são adultos devidamente educados em instituições comuns, não

é surpresa enfrentarem dificuldades ao idealizarem uma sociedade diferente. Esta problemática é melhor explorada por Ivan Illich, nos livros “*Sociedade Desescolarizada*” e “*A Expropriação da Saúde*”, ao apresentar uma análise aprofundada de como a escola não só forma indivíduos inseguros e frágeis como também prepara todos para uma dependência de uma gama completa de instituições abrindo mão de sua própria autonomia.

“Mas se as idéias de Paul Feyerabend e Ivan Illich são tão fortes, por que nunca se destacaram no universo político?”

Boa parte dos cursos universitários possui na grade curricular a matéria Filosofia da Ciência, mas quando as leituras chegam no anarquismo epistemológico de Feyerabend, o desconforto é tão grande e as críticas tão certeiras, que o próprio professor da matéria tem pouco a dizer, e a esquivada seguida de fuga é inevitável frente a críticas que por fim resultam não só no questionamento da própria instituição mas também em sua ridicularização. O mesmo acontece com Illich dentro da pedagogia libertária, que acaba sendo sempre direcionada para crianças (projetos de escolas libertárias), onde as críticas sobre a escola tradicional são muito bem vindas, mas a sua análise política de todas as outras instituições que mantêm a sociedade atual parece ser demais para uma digestão tranqüila de um indivíduo formado em pedagogia ou que simplesmente quer uma educação diferente para o seu filho.<sup>25</sup>

Chegamos a conclusão que a própria conformidade com o processo de especialização faz com que as idéias radicais aqui expostas não saiam do campo teórico para influenciar coletivos e grupos anarquistas na prática. Assim como alunos escolhem sua especialização, coletivos anarquistas fazem o mesmo sem pensar duas vezes, e se apegarão a suas verdades com unhas e dentes e sua liberdade será sempre moldada pela verdade

---

<sup>25</sup> Não nos entendam mal, achamos as experiências de escolas libertárias riquíssimas, tanto que as utilizamos para fundamentar as perspectivas de Feyerabend, PORÉM serão sempre insuficientes enquanto não fizerem parte de uma estratégia política maior. Temos o intuito de fazer com que a pedagogia libertária seja entendida como uma ferramenta política muito maior do que apenas projetos de escolas diferenciadas.

escolhida. Não precisa de muito para entender que tal dinâmica não gera uma gama muito ampla de conhecimento e será sempre incapaz de construir algo distinto do sistema em que vivemos hoje, o processo criativo fica limitado às verdades já estabelecidas. Arriscamos dizer que a tentativa de construção de uma sociedade anarquista utilizando como base as estruturas epistemológicas de uma sociedade cuja característica principal é a cooptação ou eliminação do diferente, é um delírio.

A lógica da especialização é criada a partir do pressuposto de que a soma das partes farão com que o todo seja cada vez mais profundamente entendido, esta é a lógica do “desenvolvimento científico” predominante. Tal premissa deixará de fazer sentido nos primeiros cinco minutos de uma conversa entre dois especialistas de duas áreas diferentes. A especialização agrada muito o sistema, impossibilita não só o entendimento do todo, mas também o diálogo entre indivíduos. Especialistas de uma determinada área se sentem muito a vontade para conversar com especialistas da mesma área, mas sentem dificuldade ao dialogarem com um outro de formação diferente e encontrarão um muro gigantesco a sua frente ao tentar dialogar com um indivíduo sem qualquer especialização.

Por mais que militantes anarquistas, devidamente formados, tentem uma interação direta com “o povo” ou integrantes de movimentos sociais, sempre existirá uma barreira de diálogo e uma vontade por parte do militante que tal parcela da população seja devidamente escolarizada até chegar ao mesmo patamar de conhecimentos que eles mesmos conseguiram estudando numa universidade. Como já dissemos anteriormente, não há problema em pensar o ensino formal como um acesso ao mercado de trabalho, porém ver as instituições de ensino como fonte de conhecimento para a construção da autonomia é algo extremamente contraditório. Não há dúvida que as intenções de tais militantes são boas, mas enquanto não enxergarem o quanto do sistema se encontra dentro deles mesmos, acho difícil que qualquer estratégia de interação com movimentos sociais dêem frutos a longo prazo.

Um dos principais passos a ser tomado pelo próprio sistema capitalista, ao encontrar uma cultura que oferece alguma

resistência, é a construção de uma escola para que as crianças e jovens de tal cultura a freqüentem. Basta isso para fazer com que toda uma cultura sucumba ao mito da superioridade ocidental; os mais velhos são isolados enquanto a nova geração escolarizada dará cabo de fazer com que a economia capitalista se instale gradativamente no novo território. Até o momento uma das poucas referências que tínhamos para expor tal perspectiva era encontrada no texto *“Ao inferno com as boas intenções”* de Ivan Illich, mas recentemente o documentário *“Schooling the World”*<sup>26</sup> foi lançado e trouxe mais informações sobre este processo de escolarização.

Muitas vezes o conhecimento tradicional é subestimado ou tido como prática de uma crença irracional. A permacultura<sup>27</sup> veio a tona recentemente com a proposta de fundamentar uma vida ecologicamente equilibrada, e nada mais é do que um apanhado de conhecimentos tradicionais de diversas culturas. A visão de todo é primordial para qualquer ação feita sob a ótica permacultural. A única maneira de desenvolver uma prática ecologicamente sustentável foi ignorando o princípio até agora exposto de fragmentação e especialização. A construção de uma casa deixa de ser um projeto arquitetônico isolado para se tornar um projeto integrado com o ambiente, antes mesmo de projetar a casa é necessário ter informações sobre fauna e flora, materiais de construção disponíveis na própria região próxima a construção, topografia do terreno para melhor aproveitamento do sol e da água da chuva, etc. Ao final de toda essa análise, não existirá um modelo de projeto pronto a ser estabelecido, já que cada localidade terá variáveis diferentes e exigirão combinações de técnicas diversas; tudo isso permite um processo criativo muito diferente de uma casa de alvenaria comum. Existe ainda a idéia de que, antes mesmo de fazer qualquer alteração razoável num terreno, o ideal é apenas observar o ambiente por pelo menos 4 estações, só assim terá uma noção mais clara de que tipo de intervenções serão melhor adaptadas.

---

<sup>26</sup> Podendo ser traduzido como “Escaralizando o Mundo”. Este documentário está em fase final de tradução para o português e deve estar circulando pelo meio libertário em breve. [WWW.schoolingtheworld.org](http://WWW.schoolingtheworld.org)

<sup>27</sup> Termo que significa cultura permanente.



O conhecimento tradicional é passado de geração para geração sem o intermédio de uma instituição formal, são as próprias relações sociais cotidianas que mantêm vivo tal conhecimento que propicia uma autonomia política para as culturas não ocidentais. Porém, a permacultura é uma “invenção” moderna, e que logicamente seria adaptada ao modelo de profissionalização para conseguir ganhar destaque e gerar renda para os permacultores (eis aqui uma nova profissão). O que fazia parte do conhecimento tradicional de uma cultura, agora é comercializado em PDCs<sup>28</sup> caríssimos para a classe média se sentir mais confortável na era do aquecimento global. Após um PDC os alunos estão aptos a exercer uma nova profissão e cobrar para ensinar as técnicas retiradas da gama de conhecimentos tradicionais recentemente aprendida.

Os próprios permacultores sonham com o dia em que a permacultura se tornará um curso de graduação universitário presente em todos os países do globo, como se este processo fosse fazer alguma diferença para uma mudança econômica ou política drástica. Existe esta crença generalizada de que uma mudança política se faz através da adequação do conhecimento à instituição responsável pela manutenção do sistema capitalista.<sup>29</sup> Isso não faz o menor sentido!

O curso de permacultura ainda não é oferecido em universidades, mas passando pelo processo de mutilação já foi possível criar o curso de graduação em agroecologia; foram poucos os que não se mostraram felizes com tal novidade acadêmica. Finalmente o sistema reconheceu e moldou um curso ecológico para os jovens escravos das verdades dadas. Vejam bem, não sei se estamos conseguindo passar a mensagem: jovens estão tão moldados pelo sistema educacional que não conseguem buscar um conhecimento sem um caminho estabelecido pelo próprio sistema; ou seja, mesmo com a liberdade em mãos (pois não existia até então um curso que disponibilizava o conhecimento que queriam), não sabem o que

---

<sup>28</sup> Permacultural Design Course, ou Curso em Design de Permacultura

<sup>29</sup> É interessante notar como os acadêmicos anarquistas, em especial inseridos nas áreas de humanas, sonham com o dia em que o anarquismo terá tanta influência na universidade quanto o Marxismo.

fazer com ela e ficam no aguardo de uma verdade mastigada para poderem seguir em frente com suas vidas (que só passa a existir a partir do momento em que ingressam no ensino superior). Algo muito similar acontece com crianças que saem de uma escola comum para começar a frequentar uma escola libertária; depois de algum tempo na nova escola começam a demonstrar um incomodo pela falta de ordens dadas por adultos, ficam entediados e simplesmente não sabem o que fazer com a liberdade, e demora um tempo para que consigam entender como explorar o mundo sem verdades já estabelecidas por outras pessoas. É devidamente por este motivo que não podemos esperar pela “tal revolução” para mudarmos nossas vidas, pois mesmo que o Estado e o mercado desaparecessem, se não tivermos experiência prévia de como viver cultivando a liberdade em todos os âmbitos, reproduziremos instintivamente as relações do sistema que queríamos tanto derrubar. Assim como a criança que sente falta das ordens dos adultos, existirão muitas pessoas que sentirão falta do sistema e questionarão se o anarquismo é realmente viável ... será questão de tempo até começarem a pedir o antigo sistema de volta.

A especialização é o próprio processo de morte do conhecimento tradicional. Tomemos como outro exemplo as artes marciais, muitos podem dizer que esta está em expansão ao ter como referência o crescimento da popularidade do MMA<sup>30</sup>. O que muitos não conseguem entender é que as artes marciais não são apenas lutas; o combate faz parte das artes marciais, mas isolados não são nada além de luta. Então o que seria o boxe? Uma luta ou uma arte marcial? O que viria a caracterizar uma arte marcial? A resposta pode ser simples e direta: a reflexão.

O boxe é um apanhado de técnicas direcionadas para a luta, se tivesse uma reflexão aprofundada de toda a técnica e o ambiente dos treinos, poderia ser classificado como arte marcial. Um mestre de artes marciais não é um mestre de técnicas de luta, mas sim um mestre em tomar a experimentação para uma reflexão cada vez mais aprofundada, ao ponto de o ato de lutar ser apenas um meio para a reflexão. O processo de

---

<sup>30</sup> Mixed Martial Artes, também conhecido como vale-tudo.

aprendizagem de uma arte marcial passa obrigatoriamente pela experiência, que posteriormente será utilizada para diversas reflexões. Não importa o quanto as técnicas mudem ao longo do tempo, existindo a reflexão, a arte marcial se manterá viva. A reflexão é o que vem a formar a filosofia de uma determinada arte marcial.

O que vemos hoje com a expansão comercial do MMA, é um processo de morte de algumas artes marciais. Focando apenas na luta e sua eficiência<sup>31</sup>, notamos um processo de especialização onde as técnicas desenvolvidas para outros fins (como os katas do karate ou os katis do kung fu) são mantidas apenas por tradição e o próprio processo de reflexão é deixado de lado. Academias passam a formar lutadores para serem atrativas a uma nova geração de alunos, não mais interessados na arte marcial, mas sim só no aspecto de luta que viram na TV. O Estado e o mercado não perdem tempo quando o assunto é institucionalizar, já que sempre que possível retomam a discussão sobre a criação de um código de lei que obrigue professores de artes marciais a terem graduação em educação física. Não temos dúvidas de que a arte marcial pode desempenhar um papel importante no resgate da autoconfiança perdida no processo de escolarização, já que tem como princípios a autodisciplina e a superação da insegurança através de experimentações diversas, mas sua adequação ao sistema faz com que todos estes potenciais desapareçam para dar lugar a treinos mecânicos com foco na recente paranóia de estética corporal ou na profissão de lutador.

Chegamos à conclusão de que o conhecimento tradicional moldado às instituições, perde por completo o seu potencial político. Tudo o que poderá representar um fortalecimento da autonomia popular frente ao sistema será sempre vítima de leis restringindo a sua prática à especialistas formados, um último exemplo disso foi a recente proibição de cursos de acupuntura direcionados a não especialistas; agora apenas formados na área da saúde poderão fazer cursos de acupuntura e tudo indica que

---

<sup>31</sup> A especialização em luta está para a arte marcial assim como a halopatia está para a fitoterapia.

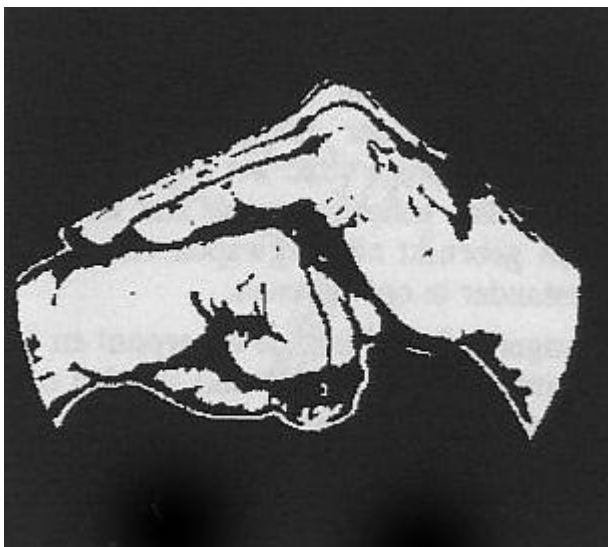
num futuro próximo esta só será ensinada em universidades específicas.

O intuito maior deste texto não é apenas expor as problemáticas das estratégias traçadas sem uma noção crítica quanto às intuições e suas consequências, mas também apresentar outras noções para as formulações estratégicas. Um outro ponto que gostaríamos de abordar, e que de uma maneira ou de outra se relaciona com o que foi exposto até o momento, é a noção de equilíbrio entre teoria e prática. Talvez a discussão maior não esteja na importância da existência destas duas esferas, mas sim como a dinâmica entre as duas é encarada. Uma avaliação da relação entre teoria e prática de um curto período de tempo pode forçar uma dinâmica rígida demais, onde nem a prática e nem a teoria conseguem se desenvolver ao ponto de trazer novas perspectivas. O que vemos como equilíbrio só pode ser analisado a médio/longo prazo; onde a curto prazo pode existir uma predominância de prática frente a teoria, mas que no futuro deve se inverter em grau parecido ou ainda mais acentuado. O que garantirá o equilíbrio é esta liberdade de inversão constante e não a verdade matemática das duas metades exatas e imutáveis.

Assim a experiência é algo extremamente importante, a liberdade não poderá ser entendida plenamente se não for explorada na prática. E é dentro de todas essas análises que gostaríamos de destacar a propaganda pela ação como uma das ferramentas políticas mais fortes que os anarquistas podem cultivar. A experiência possibilita renovar a comunicação e reavaliar estratégias traçadas. É a expansão do território de ação que nos possibilitará expor o que queremos numa variedade tão grande de formas, que será possível discutir sobre anarquismo com qualquer pessoa sem ter que se utilizar de um discurso chato e limitado pelo meio acadêmico. O termo “multidisciplinaridade” que usamos neste texto tem mais relação com esta expansão do território de ação do que o diálogo entre disciplinas já disponibilizadas (que acabam ignorando o que não está formalizado no meio acadêmico).

Acredito que conseguimos falar tanto de criatividade como multidisciplinaridade de forma bem abrangente apesar de todas

as complexidades envolvidas no assunto. Um outro material mais extenso, elaborado e organizado está em construção e deve ser impresso em breve.







**descolarizar@riseup.net**